



 CONGRESSO INTERNACIONAL

Intervenções (psico) pedagógicas: um caminho para acolher os sujeitos

Luzia de Fátima das Neves Fiorezi
Faculdade de Educação São Braz
luziafiorezi@gmail.com

1. Introdução:

Quando se fala em escola, logo se pensa no processo de ensino e aprendizagem, todavia o contexto que abrange o espaço escolar vai além do ensinar e aprender. A essa instituição advém sujeitos de toda ordem, pais que buscam o ensino para seus filhos, profissionais que atuam na educação, alunos e a comunidade em geral, sem os quais não teria o porquê de existir.

Ao discorrer sobre o contexto escolar, pretende-se mostrar que a Psicopedagogia pode influenciar no processo de ensino e aprendizagem, e ainda demonstrar que sem a afetividade, não se compõe o ambiente saudável para se conviver.

Em uma instituição de ensino espera-se que haja a integração dos saberes, tanto os que são natos (construídos pela história de cada um), como os científicos (constituídos por meio do currículo elaborado pelos partícipes das instituições educacionais), pois são esses aspectos que fazem parte da convivência entre pessoas que perpassam a escola, possibilitando o desenvolvimento social, intelectual e emocional.

No entanto, não se tem a pretensão de se indicar receituários, mas sim, refletir sobre qual a melhor maneira de tornar o ambiente escolar um lugar de construção da aprendizagem.

Na fundamentação teórica, pretende-se de forma sucinta descrever as tendências pedagógicas que permearam a educação, no decorrer da história. Na sequência, serão apresentados elementos da Psicopedagogia e em seguida, se mostrará alguns dos sujeitos que a escola acolhe,

bem como, a sequência dinâmica dos fatos e exemplos de alguns casos, nos quais a afetividade influenciou no processo de ensino e aprendizagem.

2. Fundamentação teórica

A educação das instituições educacionais passou por diversas transformações, as quais tiveram relevante importância e influência no que se vê hoje nas escolas, pois as mesmas deixaram sua marca no tempo e na história de todo o processo educativo.

A princípio a educação tinha característica comunitária e familiar, pois se aprendia com a experiência dos mais velhos e quase sempre, tinha cunho moral e ético, “... a educação acontecia no cotidiano de cada indivíduo. Por intermédio da convivência com os membros mais velhos da comunidade...” (SÁ, 2006, p. 5). A partir daí, surgiram as tendências pedagógicas.

As tendências pedagógicas são divididas em liberais e progressistas. As primeiras tinham como função preparar os indivíduos para assumirem seus papéis na sociedade, já as segundas apresentavam a educação de forma a entender que os indivíduos eram construtores de suas histórias educando-se para construir o seu papel no mundo.

2. 1 Tendências liberais

São apontadas 4 (quatro) tendências dentro dessa classificação.

A primeira é a Tradicional na qual se acreditava que a escola era o único lugar, onde o indivíduo apropriava-se do conhecimento. O professor mantinha certa distância do aluno e este por sua vez, era passivo diante das informações.

Na segunda, denominada, Renovada, o aluno era visto como construtor do próprio conhecimento e o professor se apresentava como um facilitador da aprendizagem.

A tendência, Renovada não Diretiva, se preocupava com o desenvolvimento pessoal do indivíduo e a tendência Tecnicista, o aluno era um mero espectador. O professor reproduzia o conteúdo, apresentando modelos a serem seguidos como estímulo para o aluno aprender.

2. 2 Tendências progressistas

Pode-se indicar 3 (três) tendências como progressista: a Libertadora, a Libertária e a Crítico-Social dos conteúdos.

Na tendência Libertadora, os conteúdos tinham como base a vida e o cotidiano dos alunos, para tanto a função da escola era a conscientização e a busca da transformação da realidade dos mesmos; já na tendência Libertária, como o próprio nome diz, buscava-se praticar a democracia. O educador era visto como um orientador.

Já a Crítico-Social dos Conteúdos, tinha como meta, a busca do conhecimento científico de forma crítica, valorizando as experiências de vida dos alunos.

Na contemporaneidade o objetivo é viabilizar o ensino de forma ampla, ou seja, de forma integral. Todavia, por causa da diversidade de alunos que se encontram no ambiente escolar e a aceleração de informações oriundas de diversas fontes, nem sempre se consegue atingir um nível satisfatório de ensino e aprendizagem.

De acordo com Trevisan, “a escola contemporânea sofre com o desenvolvimento acelerado, onde as informações são atualizadas a todo instante, ocasionando o desgaste e o comprometimento das ações para o aprimoramento do ensino” (TREVISAN 2013, p.1).

Para tanto, busca-se encontrar argumentos transformadores, que tornem a escola contemporânea em um local organizado, onde os indivíduos que por ela perpassar, deixem algo de si e levem conhecimentos construídos e compartilhados por toda a comunidade escolar, tornando-se construtores de suas próprias identidades. Para saber lidar com os desafios pessoais e sociais subjaz a Pedagogia Histórico-Crítica, como um marco na educação brasileira, tornando-se base do trabalho educativo.

Segundo Gasparin e Petenucci (2012, p. 4)

Essa é uma teoria de grande relevância para a educação brasileira, pois evidencia um método diferenciado de trabalho, especificando-se por passos que são imprescindíveis para o desenvolvimento do educando, seguindo os passos da prática social: problematização, instrumentalização, catarse e novamente a prática social. (GASPARIN e PETENUCCI, 2012, p. 4)

Sabe-se, contudo, que o indivíduo traz consigo uma experiência construída no âmbito familiar e social ao qual pertence; e cabe a escola, a instrumentalização do saber científico e todas as suas especificidades. Dentro dessa perspectiva, o aluno torna-se apto a praticar o que aprendeu tornando-se um cidadão responsável, consigo mesmo e com a sociedade.

2.3 Caminhos da psicopedagogia

Segundo o Código de Ética dos Psicopedagogos, capítulo 1, artigo 1º: “A Psicopedagogia é um campo de atuação em Educação e Saúde que se ocupa do processo de aprendizagem considerando o sujeito, a família, a sociedade e o contexto sócio - histórico...”.

A princípio a Psicopedagogia buscava alternativas metodológicas, as quais visavam o atendimento aos portadores de necessidades especiais, buscando por meio dela, a compreensão do processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Bossa (2007, apud REZENDE, 2011, p. 1),

A Psicopedagogia ocupa-se da aprendizagem humana, que advém de uma

demanda – o problema de aprendizagem, colocado num território pouco explorado, situado além dos limites da Psicologia e da própria Pedagogia – evoluiu devido à existência de recursos, ainda embrionários, para atender essa demanda, constituindo-se, assim, numa prática. (Rezende, 2011, P. 1)

No entanto, a Psicopedagogia não detém somente a função de auxiliar na aprendizagem, mas também, preocupa-se com a formação psicológica do indivíduo, pois possui características preventivas e terapêuticas. “A Psicopedagogia é a área que dá consideração especial ao aspecto psicológico do indivíduo, indo além, desenvolvendo pesquisas e criando conhecimento próprio”. (SÁ, 2006, p. 8).

No Brasil, o estudo da Psicopedagogia é uma área recente que tem por objetivo “estudar, compreender e intervir na aprendizagem humana” (SERRA, 2006, p.5), sendo a mesma de cunho de especialização, e os profissionais dessa área atendem diversas áreas do conhecimento. Atualmente em nosso país, a Psicopedagogia preocupa-se com as dificuldades da aprendizagem, auxiliando a escola na formação dos indivíduos, tendo como influência o modelo teórico europeu, americano e argentino. “O Brasil recebeu, via Argentina, influências tanto americanas como europeias” (SÁ, 2006, p. 9).

Dada às distinções do processo educativo do Brasil, diferentemente da Argentina em que a Psicopedagogia é um curso em nível de graduação, aqui, ela precisa atentar as especificidades existentes, buscando alternativas que suscitem efeitos positivos, no processo de aprendizagem.

Conforme Sá, “para a realidade brasileira, nossa formação psicopedagógica possibilita uma maior interatividade entre os diversos profissionais envolvidos na prática educacional” (SÁ, 2006, p.10). Sendo assim, a Psicopedagogia assume um papel abrangente e importante no processo de ensino e aprendizagem, pois tem caráter relevante para os profissionais da educação, crianças, adolescentes, jovens e famílias que participam do fazer educativo, buscando a compreensão e o envolvimento do aprendiz, durante todo o processo educacional.

Conforme Bossa, “A Psicopedagogia Institucional caracteriza-se pela própria intencionalidade do trabalho. Atuamos como psicopedagogos na construção do conhecimento do sujeito, que neste momento é a instituição com sua filosofia, valores e ideologia” (BOSSA, 2000, p. 89 *apud* Oliveira 2004, p. 20).

Para tanto, é primordial que se compreenda a educação com uma visão ampliada, buscando soluções e/ou colaborações da Psicopedagogia, já que possibilita a escola ter um novo olhar sobre as ações que a envolvem principalmente, no que se refere ao conhecimento. “a Psicopedagogia caracteriza-se pela própria intencionalidade do trabalho na construção do conhecimento do sujeito” (OLIVEIRA, 2004 *apud* Bossa, 2000, p. 89).

Os sujeitos da escola trazem consigo características as quais interferem no processo de

ensino e aprendizagem. Alguns deles, não conseguem situar-se em conformidade a que a sociedade exige de um cidadão, dada as situações que os envolvem, como, por exemplo, os desajustes familiares.

Citando Oliveira “intervir nesse processo é criar mecanismos que contribuam para que o aprender do sujeito da aprendizagem possibilite a transformação da realidade bem como a transformação de si mesmo” (OLIVEIRA, 2004, p. 37).

Por sua vez, a Psicopedagogia se aproxima das características da Psicologia, já que se atenta às questões psicológicas que envolvem os indivíduos no processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Oliveira (2004, p.24 apud Vasconcelos, 2003)

A Psicopedagogia não é uma, não é única. A psicopedagogia são relações integradas de situações multi e interdisciplinares. Sendo uma ciência plural, a Psicopedagogia trabalha tanto individualmente o sujeito, como seu grupo e, sobretudo as relações que esse sujeito estabelece com o seu grupo. (VASCONCELOS, 2003)

Contudo, não se esgota aqui o papel contributivo da Psicopedagogia, pois ela “propõe ao educador o resgate do humano, além da preocupação com o saber” (OLIVEIRA, 2004, p.133). No entanto, busca-se por meio deste breve relato mostrar que ela pode contribuir nas questões que envolvem “as aprendizagens”, pois o ato de aprender é inerente ao indivíduo e acredita-se que é preciso ver e enxergar o aprendente como ser único e especial.

2. 4 A escola e os sujeitos:

A escola no decorrer de sua história passou por diversas transformações, “sabemos que, em cada período da história, o professor, o aluno e a direção da escola se comportaram de uma maneira diferente” (SERRA, 2006, p. 11). No entanto, mesmo com todas as divergências, tanto pedagógicas como estruturais, o componente principal são os alunos, aprendizes, aprendentes de qualquer instituição educacional.

A educação, segundo Serra (*op. cit.*) está inserida num contexto muito mais amplo que é a sociedade e, é claro, ao mesmo tempo em que sofre influências desta, também ratifica ou colabora para a transformação de algumas práticas sociais.

Nesta alínea, o desenho será o aluno da escola pública, pois esta tem a característica de acolher todos os sujeitos, sem distinção, ou pelo menos, deveria assim ser. Pensando na diversidade dos sujeitos que advêm à escola, esta não deve trabalhar sozinha é preciso buscar parcerias, principalmente da família, para que haja maior credibilidade e envolvimento social. “Podemos trabalhar em conjunto com as famílias de nossos alunos, mas não podemos promover grandes alterações dentro desse contexto, podemos oferecer oportunidades de enriquecimento cultural”

(SERRA, 2006, p. 12).

Os sujeitos das escolas são os indígenas, os da diversidade sexual, do campo, étnico-raciais, ciganos e estrangeiros, sendo que alguns deles, por um motivo ou outro migraram de suas terras natais, trazendo como bagagem a sua cultura, religiosidade e costumes e na maioria das vezes são vistos com um olhar de desconfiança e até mesmo de repúdio.

Citando o anexo 16, da Semana Pedagógica da Escola Pública do Paraná 1º semestre (2014, p. 5)

A maioria dos brasileiros aprendeu a ideia equivocada da imagem de como deve ser o índio: nu ou de tanga, no meio da floresta, de arco e flecha, tal como foi descrito por Pero Vaz de Caminha. Nós não concedemos às culturas indígenas aquilo que queremos para a nossa: o direito de entrar em contato com outras culturas e, como consequência desse contato mudar.

Os sujeitos da diversidade sexual, muitas vezes são tratados como pessoas desvirtuadas, sem caráter, com distúrbios e outros adjetivos discriminatórios, porém são seres iguais aos demais, mas com identidades diversificadas.

Ainda, de acordo com o Anexo 16, citando Stuart Hall (2011), Os sujeitos são compostos por múltiplas identidades. Dessa forma, “a Coordenação das relações de Gênero e Diversidade Sexual tem como função: afirmar as especificidades dos sujeitos da diversidade que vem sendo historicamente discriminados e vitimizados...”.

Os sujeitos do campo, por causa da mecanização, de alagamentos por barragens e outros, foram obrigados a mudar seus hábitos e adaptar-se ao cotidiano urbano, quase sempre, sem as mínimas condições humanas para se instalarem, engrossando assim, o número de pessoas desassistidas na cidade. Para tanto, a escola também deve vê-los como especiais e com necessidades distintas.

Ainda conforme o anexo 16 da Semana Pedagógica da escola pública do Paraná 1º semestre (2014, p.7)

É preciso pensar a educação que tem no ser humano o seu fundamento e especificidades, ou seja, a educação da infância, da juventude e da idade adulta. Entendemos que estamos abertos à nossa própria transformação, acompanhando as mudanças, aprofundando conhecimentos/pedagogias para podermos fomentar novas reflexões e novas políticas educacionais voltadas ao (s) sujeito(s) do campo.

Dentre tantos sujeitos citados há ainda os que possuem as mais diversas deficiências e/ou dificuldades, a escola precisa se reinventar para dar conta de seu principal papel, a de agente da cidadania, reconhecendo que nenhum ser é idêntico ao outro. Sendo assim, cada um deve ser respeitado por sua singularidade, no entanto somente saber disso não é suficiente, faz-se necessário

adquirir posturas para amenizar, ou sanar de vez as situações discriminatórias nas escolas e na sociedade.

3. Metodologia

O primeiro enfoque foi observar o que não se encaixava ao ambiente escolar de uma escola, em particular. A queixa encontrada: o grupo estava acomodado e sem perspectivas de mudança, tendo em vista que a escola localiza-se na periferia e o seu alunado é composto por uma gama substancial de pessoas carentes, com dificuldades variadas e também alguns excluídos das demais escolas.

Direção, Equipe pedagógica, professores e agentes I e II há algum tempo haviam se esquecido do sentido de pertencimento, que se deve ter com o trabalho escolar. A escola há tempos não tinha uma comemoração e a cada ano, não havia nada que chamasse a atenção de alunos, pais e professores, tudo era sempre igual.

O que se ouvia eram lamentações sobre quase tudo, como por exemplo: “alunos que não tinham jeito, defasagens de idade com relação à série, indisciplina, falta de materiais para se realizar um bom trabalho, escola feia entre outros”. Então a partir do lançamento do Programa do Governo do Paraná, intitulado Plano de Ações Descentralizadas (PAD), mesmo com algumas resistências, traçou-se novas perspectivas.

Uma das atitudes foi o embelezamento do interior da escola, com a limpeza de carteiras e a construção de painéis, recriando as obras de Romero Brito. O projeto envolveu professores e alunos, cada sala recebeu um painel ou quadro com recriações do referido pintor e com isso deu-se a abertura para outras ações, como realizar o diagnóstico do que não estava bem, exemplos a alta evasão, notas baixas, indisciplina e a baixa autoestima.

Como já citado anteriormente, os alunos são os principais atores da escola, pois sem eles, essa Instituição não existiria, e até então, eles eram vistos como “alunos problemas”. Infelizmente, nem todos os educadores assimilaram que eles não são “problemas”, mas sim, indivíduos que necessitam de uma distinção individualizada, buscando algo a mais para a vida.

A partir do diagnóstico algumas estratégias foram traçadas, como perceber que o aprendiz tem o seu ritmo e suas dificuldades e cada um, assimila o que lhe é suficiente para caminhar sozinho, precisava-se então de novos encaminhamentos metodológicos para atender a todos de modo geral, sem se esquecer das particularidades de alguns, pois algumas vezes, julga-se um todo por determinada característica de uns.

Outro equívoco recorrente era o reforço das fragilidades dos alunos, (não aprende mesmo; nunca faz tarefas, não sabe ler...) esquecendo-se de potencializar as habilidades (que bom que fez

isso, você conseguiu e assim por diante), então cada professor faria o seu melhor, elevando a autoestima dos alunos e a própria. Corroborando com Sá, “Não olhar apenas o aspecto negativo da situação, não deter somente nas supostas carências e deficiências do aluno (...)” (SÁ, 2006, p.77).

Os alunos precisam ser visualizados por si só e os que são excluídos necessitam de atenção especial para que se firmassem e se sentissem parte do ambiente, mesmo que de algum modo, não fossem aprendizes idealizados, era preciso criar um vínculo de afetividade entre educadores e alunos, pois alguns professores não conseguiam mais desenvolver um trabalho que contemplasse a todos, ou que fosse parte do todo.

Justificando com Serra, citando Figueiredo (2006 P.38), “Os grupos sociais compõem-se basicamente de diferenças e semelhanças, e isso é inegável, da mesma forma que é inegável que as diferenças trazem crescimento para o sujeito e para o grupo. A diversidade se faz presente tanto no plano social como no plano individual”.

Como já exposto, essa gama diversificada de sujeitos na escola, deveria ser vista de forma singular, pois muitas crianças veem na escola o único ponto de referência para “curar” suas mazelas, para serem acolhidas e até mesmo assistidas.

Contudo, foi também primordial a tomada de atitude, a diversificação das técnicas de ensino e a busca de soluções didáticas, pois ainda há ensino “velho”, isto é antiquado, para situações novas, gerando conflitos e incoerências entre a fala e a ação e alguns casos, há necessidade da retomada de assuntos essenciais que devem ser tratados de forma individualizada.

Confirmando com Sá e de acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1988, v.1),

(...) é competência do professor a tarefa de individualização das situações de aprendizagens oferecidas às crianças, considerando as suas capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas. Nessa perspectiva não se deve estigmatizar as crianças pelo que diferem, mas levar em consideração as suas singularidades, respeitando-as e valorizando-as como fator de enriquecimento pessoal e cultural. (SÁ, 2006, p. 93)

No entanto, sabe-se que, o professor não é o soberano do ato de ensinar, ele deve sim acolher todas as ajudas que surgirem. Deve ter com o aluno um olhar diferenciado, apresentar-se com brilho no olhar e admitir que um coleguinha de sala, algumas vezes, pode sim ser mais eficaz que ele no ensino. Muitas vezes palavras simples e de igual para igual, atinge o que não se consegue durante as aulas, principalmente quando o aluno é visto de maneira coletiva. “O professor não é o único que ensina aos alunos, mas estes, também aprendem entre si” (SÁ, 2006, p. 98).

A palavra de ordem foi sentir-se corresponsável pelo aluno e ou escola pelo sucesso ou fracasso, não acusando outrem por isso, mas fazendo o que pudesse para reverter o quadro. “É

importante que o professor reflita sobre as causas do fracasso escolar não para se culpar, mas para se responsabilizar. Responsabilizar-se significa abraçar a causa e procurar alternativas para solucionar o problema” (SERRA, 2006, p. 31).

Sendo assim, foi imprescindível acolher, sentir-se acolhido, pois a acolhida suscita segurança e ascende a reciprocidade e o compromisso, acreditando que, o aluno que vê no olhar e gestos do professor a afetividade aflorada, com certeza será um colaborador consigo mesmo e com o seu mestre, seja através da atenção e disciplina, ou no convívio do dia a dia.

4. Resultados x reflexão

Caso 1. Terceira aula – Turno tarde: Quando a professora entra na aula, uma das meninas diz que a colega estava passando mal com fortes dores no abdômen. A professora aproxima-se e pergunta o que há? A menina diz que não há nada, porém ao observá-la, percebe que a aluna está muito pálida e se contorcendo com dores abdominais, após algumas tentativas, a criança diz que não havia se alimentado, porém já eram quase 15h00min. A menina foi levada ao Diretor e a professora pediu providências para o caso, descobriu-se então que a estudante só tinha se alimentado no dia anterior, na escola. Havia passado dois professores pela turma, porém os mesmos não conseguiram enxergar tal situação. Será que a menina estava invisível para eles?

Caso 2. Aluno com esquizofrenia: Quando os professores souberam sobre o laudo do aluno, alguns ficaram amedrontados, outros desconfiados, uns não se importaram com a situação, outros ignoraram e poucos se aproximaram, fazendo a diferença, o mesmo foi aprovado e com boas notas, dado a confiança que tinha por alguns professores.

Caso 3. Problema sério de indisciplina: Aluno agressivo, não gostava de fazer nada, havia destruído o material que a mãe comprara, porém com a intervenção de um dos educadores que tomou a iniciativa de conversar e mostrar ao aluno o seu papel e sua importância houve circunstancial melhora no comportamento e o menino se dispôs a colaborar e estudar, resultado aprovado.

Muitos outros casos acontecem no cotidiano escolar e a mudança foi perceptível, porém alguns educadores, ainda insistem em não ver. Não se deve culpabilizar a família e outros, pois cada um deve fazer a sua parte e encontrar estratégias que envolvam alunos e os demais coparticipes da escola, acendendo a melhoria do ensino e também da aprendizagem.

5. Considerações finais

É preciso que a escola seja vista de forma em que os sujeitos se sintam bem e acolhidos, partindo do pressuposto que a ela advém sujeitos diversos que buscam, além do conhecimento, um lugar que proporcione o reencontro com o eu interior, dado as circunstâncias precárias que vivem.

A figura do professor, do diretor, do pedagogo e dos demais funcionários é de fundamental importância para a realização de um trabalho humano, pedagógico e coerente com as diversidades dos sujeitos que fazem parte da escola.

A Psicopedagogia por sua vez tem um papel importante, haja vista que os educadores e alunos necessitam de acompanhamento para a realização do trabalho de ensino e aprendizagem.

Referências

ABPp, **Código de Ética do Psicopedagogo**, reformulado pelo Conselho da ABPp, gestão 2011/2013 e aprovado em Assembleia Geral em 5/11/2011. Disponível em: <http://www.abpp.com.br/codigo_etica_psico.pdf> acessado em 13/03/2014 às 22h20min.

GASPARIN, João Luiz. PETENUCCI, Maria Cristina. **Pedagogia Histórico Crítica: da Teoria à Prática no Contexto Escolar**. Disponível em: <http://baronesilva.blogspot.com.br/2012/10/pedagogia_30.html> acessado em 16/03/2014 às 10h: 11min.

REZENDE, Cátia Gontijo, Psicopedagogo Institucional: Atribuições e responsabilidades. **Revista Eduf@tima**, Vol. 2, Nº1, 2011.

SÁ, Marcia Souto Maior Mourão. OLIVEIRA, Eloiza da Silva, NOGUEIRA. Mario Lucio de Lima. ROSA, Suely Pereira da Silva. VALLE, Bertha de Borja Reis do. DELOU, Cristina Maria Carvalho. GOUVÊA, Fernando. MELLO, Henriete C. Souza. MAZZILLO, Ilda Beatriz. **Introdução à Psicopedagogia**. Curitiba: IESDE, 2006. 140p.

OLIVEIRA, Mari Ângela Calderari. **Intervenção Psicopedagógica na Escola**. Curitiba: IESDE, 2004. 144p.

SEED, Secretaria da Educação do Governo do Estado do Paraná, *Anexo 16 – Sujeitos da Escola Pública do Paraná* - Semana Pedagógica, 2014, 1º Semestre.

SERRA, Dayse Carla Gênero. **Teorias e Práticas da Psicopedagogia Institucional**. Curitiba: IESDE, 2006. 108p.

TREVISAN, Fred. **Tendências do Pensamento Pedagógico Contemporâneo** Aula 1 – Módulo 1(Slides), 2013.